

O DEUS TRINO QUE SE DÁ, A *IMAGO DEI* E A NATUREZA DA IGREJA LOCAL

J. Scott Horrell*

Por muitos anos, na sociedade ocidental, a doutrina da Santíssima Trindade tem sido considerada uma das doutrinas que ainda afirmamos cristã, embora para muitos pareça irrelevante. O filósofo alemão Immanuel Kant lamentou que, "Tomando-se literalmente, não há absolutamente nada que se possa fazer com a doutrina da Trindade que valha a pena na vida prática."¹

No entanto, atualmente, muitos pensadores cristãos estão reafirmando a importância central da teologia trinitariana em nossa vida diária. Estimulados pela *Kirchliche Dogmatik* de Karl Barth, teólogos católicos e protestantes têm produzido obras importantes sobre essa crença básica da fé cristã – notavelmente Karl Rahner, Eberhard Jüngel, Bernard Lonergan, Bertrand de Margerie, Jürgen Moltmann, Leonardo Boff, Colin Gunton, T. F. Torrance, Catherine Mowrey LaCugna e Millard Erickson.² Nos últimos anos, quase todo movimento teológico tem buscado refletir, de alguma maneira, so-

* J. Scott Horrell, Th.M., Th.D., é catedrático em Teologia Sistemática da Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Professor no Seminário Teológico Servos de Cristo da América do Sul, autor de vários livros e co-fundador de *Vox Scripturae*. O artigo foi traduzido por Denise Endo Senda.

¹ Immanuel Kant, *Der Streit der Fakultäten*, PhB 252, em Ronald J. Feenstra e Cornelius Plantinga, Jr., eds., *Trinity, Incarnation and Atonement: Philosophical and Theological Essays* (Notre Dame IN: Univ. de Notre Dame, 1989) 4.

² Ao lado da *Dogmatik* de Karl Barth, outras obras relevantes são: Karl Rahner, *The Trinity*, trad. J. Donceel (Nova Iorque: Herder & Herder, 1970); Eberhard Jüngel, *The Doctrine of the Trinity. God's Being Is in Becoming*, trad. H. Harris (Edimburgo: Scottish Academic Press, 1976); Bernard Lonergan, *The Way to Nicea: The Dialectical Development of Trinitarian Theology*, trad. C. O'Donovan (Filadélfia: Westminster, 1976); Bertrand de Margerie, *The Christian Trinity in History*, trad. E. J. Fortman (Still River MA: St. Bede's, 1982); Jürgen Moltmann, *The Trinity and the Kingdom of God*, trad. M. Kohl (Londres: SCM Press, 1981); Leonardo Boff, *A Trindade, a Sociedade e a Libertação* (Petrópolis RJ: Vozes, 1985); Colin Gunton, *The Promise of Trinitarian Theology* (Edimburgo: T & T Clark 1991); Catherine Mowrey LaCugna, *God for Us: The Trinity and Christian Life* (San Francisco: HarperCollins, 1991); Thomas F. Torrance, *The Trinitarian Faith* (Edimburgo: T & T Clark, 1993); Millard J. Erickson, *God in Three Persons: A Contemporary Interpretation of the Trinity* (Grand Rapids: Baker, 1995).

bre isto e reaplicar a doutrina de Nicéia, produzindo uma safra de literatura de estudos trinitários bíblicos, históricos e contemporâneos. Muitos concordariam com Wolfhart Pannenberg que a Trindade, atualmente, é a mais importante de todas as doutrinas.³

Como em qualquer fé, nosso entendimento sobre Deus define nossa visão de mundo. Creio pessoalmente que, a doutrina do Trêsem-Um fornece a macro-estrutura da realidade que dá sentido para a vida, para as pessoas, para nossos relacionamentos no casamento, na família, na igreja local, na comunidade, e até mesmo para o papel da igreja local no mundo.⁴

Todavia, muitos ainda sentem o que Kant expressou. Num conselho de ordenação de uma grande igreja evangélica em São Paulo, depois que um candidato a pastor atrapalhou-se por completo ao tentar responder questões sobre o Deus Trino, um líder denominacional veterano proferiu em defesa do jovem que a doutrina da Trindade realmente não tinha importância: "De qualquer jeito, a maioria dos evangélicos acreditam em três deuses." Aparentemente, para este pastor, assim como para Kant, o conceito do Deus Trino era irrelevante. Quando a liderança cristã assume indiferença quanto à teologia da Trindade, não é de se surpreender que muitas pessoas nas igrejas sintam o mesmo.

Neste artigo, pretendo desenvolver três pontos:

1. A natureza autodoadora do Deus tri-pessoal da Bíblia.
2. As implicações da existência de um Deus-que-se-dá para o homem como imagem de Deus.
3. Como o entendimento sobre o Deus-que-se-dá deve afetar nosso conceito sobre a igreja local e seu papel no mundo.

Embora todo pensamento sobre Deus deva ter suas raízes nas Escrituras, este artigo é por natureza mais exploratório do que exegético, procurando definir uma teologia do homem (especialmente do cristão) e da igreja local à partir de uma compreensão mais adequada do Deus Trino.

A ETERNA TRINDADE COMO DEUS-QUE-SE-DÁ

O Deus da Bíblia É Egoísta?

Pontos de Tensão entre a Glória e o Amor Divino. Muitos suspeitam que Deus seja egoísta. A maioria, é claro, nunca diria

³ Em Millard J. Erickson, *Where is Theology Going? Issues and Perspectives on the Future of Theology* (Grand Rapids: Baker, 1994) 122.

⁴ Ver J. S. Horrell, "Uma Cosmvisão Trinitariana", *Vox Scripturae* 4:1 (1994) 55-77.

isto, pelo menos em voz alta. Mas entendemos que o propósito de toda existência é glorificar a Deus. Dizem que mesmo o existencialista francês Jean Paul Sartre comentou que se existe um Deus, o propósito do universo seria glorificá-lo. Os credos e os catecismos cristãos, assim como a Confissão de Westminster são igualmente claros: Deus criou o universo e o homem para sua glória. E isto é verdade. Como Criador todo o universo foi criado centripetamente ao seu caráter e para os seus propósitos. Tudo, finalmente, existe para sua glória.

Contudo, o Deus das Escrituras pode ser amor e simultaneamente desejar sua própria glória? É interessante que o Espírito Santo por intermédio de Paulo defina o amor em 1 Coríntios 13:4-7: o amor "é paciente, o amor é benigno. Ele não arde em ciúmes, não se ufaná, não se ensoberbece, ... não procura os seus próprios interesses... não se ressentido do mal." Em outra parte leremos que "Deus é amor" (1 Jo 4:8). No entanto, o Deus da Bíblia declara sua própria glória e chama toda a criação para adorá-lo. À primeira vista, o Deus da Bíblia não dá outra face, mas "minha é a vingança", julgando os vivos e os mortos, e condenando alguns ao castigo eterno. Se passagens como 1 Coríntios 13 podem ser relacionadas diretamente a Deus ou não, é algo à parte. Para o cético John Stuart Mill, Deus faz todos os dias aquilo que ele regularmente condena o homem por fazê-lo. Para muitos outros, como Charles Baudelaire, Mark Twain ou Pablo Picasso, Deus é o paradigma do egoísmo.

É claro que o Criador todo-poderoso do universo teria todo direito de ser egoísta, pois ele é Deus. Essencialmente, é assim que os muçulmanos defendem Alá. E muitos cristãos inadvertidamente, fazem o mesmo. Mas para o cristão ainda há uma contradição fundamental: embora o Criador mereça toda a glória, como o Deus de Amor pode cobiçar sua própria glória? Se Jesus Cristo e o Espírito Santo não tivessem revelado a verdadeira natureza da Divindade, e se Deus fosse apenas uma pessoa, seria difícil evitar a conclusão de que, em algum sentido, enquanto *nós* não devemos ser egoístas, Deus mesmo é absolutamente egoísta.

O Deus da Bíblia como Trindade. No Antigo Testamento, já vemos certas implicações de um Deus tri-pessoal: (1) as passagens onde Deus parece falar dele mesmo no plural ("Façamos o homem à nossa imagem" Ge 1:26; etc.). (2) Os títulos *plurais* de Deus *Elohim* e *Adonai*, dois dos principais termos para Deus nas Escrituras Hebraicas, são tópicos de debates e de estudos – sem mencionar vários outros títulos de Deus com seus plurais modificadores singulares. (3) Em Isaías, o Senhor Deus insiste em que *somente ele é Deus, e não há outro deus antes ou depois dele*, e ainda, no mesmo livro, o Messias prometido, o Filho de Davi, seria chamado *El Gibbor* "Deus Poderoso." Novamente, enquanto insiste que, *não*

darei minha glória a outro, é o Anção dos Dias que chama toda humanidade para glorificar e adorar "o Filho do Homem" (Dn 7:14). (4) Além disso, muitos notam a pluralidade ambígua do Deus hebreu. O *dabar* ou a *Palavra de Deus* é vista algumas vezes, como Deus falando, mas em outras, como um poder criativo dinâmico distinto de Deus. O *Espírito Santo*, no Antigo Testamento frequentemente é identificado como Deus Todo-Poderoso, embora, em outras vezes, apareça como uma entidade separada. O *Anjo de Deus* aparece tanto diferente quanto identificado com o Deus Vivo, alguém que fala como Deus, é adorado como Deus, e ainda, muitas vezes é distinto de Deus. De novo, a *Sabedoria de Deus* é identificada como "estabelecida desde a eternidade", presente antes da criação do universo, um artifício ao lado de Yahweh (Pv 8:23-31) – assim, não parece incidental que Paulo fale de Cristo como "a sabedoria de Deus" (1 Co 1:24; cf 1:30; Col 2:3). Os judeus intertestamentários foram bem conscientes da diversidade misteriosa que expressa o Deus único verdadeiro.⁵ Quando chegamos ao Novo Testamento, encontramos Jesus Cristo apresentado como Filho de Deus – que é Deus, ainda que Deus distinto de Deus – e novamente, Deus Espírito Santo que, como o Salvador, é pessoal e manifesta todos os atributos da divindade. Em mais de 40 passagens do Novo Testamento, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são citados juntamente, embora cada um com papéis distintos, em seus relacionamentos pessoais.⁶ Como o Credo Atanasio esclareceu mais tarde, o Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito Santo é Deus, e ainda, não há três Deuses mas um Deus. Nem há três Pais, mas um Pai, nem três Filhos, mas um Filho, nem três Espíritos Santos, mas um Espírito Santo.

⁵ Ver Aubrey R. Johnson, *The One and the Many in the Israelite Conception of God* (2ª ed., Cardiff: Univ. de Wales, 1961) 1-37; Larry Hurtado, *One God One Lord: Early Christian Devotion and Ancient Jewish Monotheism* (Londres: SCM Press, 1988); Margaret Barker, *The Great Angel: A Study of Israel's Second God* (Londres: SPCK, 1992); Felix Christ, *Jesus Sophia. Die Sophia-Christologie bei den Synoptikern* (Zurique: Zwingli-Verlag, 1970); e Robert Hamerton-Kelly, *Pre-Existence, Wisdom and the Son of Man* (Cambridge: Univ. de Cambridge, 1973).

⁶ Estudos bíblicos incluem: A. W. Wainwright, *The Trinity in the New Testament* (Londres: SPCK, 1962) 237-247; G. A. F. Knight, *A Biblical Approach to the Doctrine of the Trinity* (Edinburgh: Oliver & Boyd, 1953); Peter Toon, *Our Triune God: A Biblical Portrayal of the Trinity* (Wheaton IL: BridgePoint/Victor, 1996); Royce Gordon Gruenler, *The Trinity in the Gospel of John* (Grand Rapids: Baker, 1986); e Gordon D. Fee, *Paul, the Spirit, and the People of God* (Peabody MA: Hendrickson, 1996) 9-46.

Ainda mais extraordinário é que, no Novo Testamento vemos o Pai se *comprazendo* e *glorificando* o Filho, dando todas as coisas ao amado. E o Filho aparece se *comprazendo* e *glorificando* o Pai; após conquistar todas as coisas e reinar sobre seu reino, o Filho deposita tudo aos pés do Pai. E encontramos o Espírito Santo se *comprazendo* e *glorificando*, não a si mesmo, mas ao Filho e, novamente, *revelando* a glória do Pai. Como Royce Gordon Gruenler assinalou em seu comentário temático sobre João:

Na revelação de Jesus sobre a Família divina, o tema que passa repetidamente através de sua revelação é a generosidade do Deus social. O estilo do discurso de Jesus indica sua convicção de que as pessoas da comunidade divina apreciam intimamente o amor de um para com o outro, a hospitalidade, a generosidade e a comunhão interpessoal, isto tão intensamente que são um Deus, e sendo um Deus, expressam tal amor de um para com outro.⁷

Na própria revelação de Deus, encontramos o Pai, o Filho e o Espírito Santo, cada um *amando* o outro, *dando-se* ao outro, *honrando* o outro, *glorificando* o outro – isto tudo, sem confusão na alta ordem da Trindade, e nos papéis que cada pessoa divina tem desempenhado desde a eternidade passada.⁸

O que nos traz de volta à questão: *O Deus da Bíblia é egoísta?* Exatamente o contrário. Descobrimos que o Deus tri-pessoal das Escrituras é profunda e infinitamente autodoador. O Deus de Amor ao requerer glória afinal, não é necessariamente egoísta. Sua glória é uma glória compartilhada, cada um se comprazendo no outro.

⁷Gruenler, *The Trinity in the Gospel of John* 121, cf. 89-140.

⁸Duas observações qualificativas são importantes: primeira, tem que se admitir que não há evidência bíblica completa sobre a mutualidade entre todos – i.e., o Pai em relação ao Espírito Santo; a dedução está parcialmente implícita e, portanto, feita com cautela. Segunda, com relação ao trinitarianismo implícito no NT, Gordon Fee observa, "Temos a tendência a considerar que uma pessoa não é um trinitariano verdadeiro, a menos que, tenha uma fórmula que funcione em resposta a esta questão [sobre como Deus existe em Trindade]. Colocar a questão desta forma, contudo, é ir além de Paulo [e de todos os autores do NT], sem mencionar definir o trinitarianismo somente pelos moldes mais desenvolvidos. Paulo afirma, assevera e pressupõe a Trindade de toda maneira; e aquelas afirmações – que o Deus único conhecido e experimentado como Pai, Filho e Espírito Santo, cada um distinto do outro que, no entanto, é o Deus único – são precisamente a razão pela qual a igreja posteriormente levantou a questão do *como*." *Paul, the Spirit, and the People of God* 38.

Além do Egoísmo: A Prioridade dos Inter-Relacionamentos Divinos

A própria revelação de Deus como Trindade, colocada diante dos conceitos pagãos cultuados como deidade, é extraordinariamente única: um Deus perfeito e santo que, em três centros de consciência, manifesta as realidades mais profundas da pessoalidade, onde cada membro pensa, sente e decide em relação ao outro, em termos que ultrapassam de longe, nossa compreensão mais profunda do relacionamento pessoal.

Infelizmente, em grande parte do desenvolvimento teológico católico romano, e mais tarde, também do protestante, o dinamismo pessoal do Novo Testamento quanto a Trindade foi grandemente ignorado. Patriarcas ocidentais, começando especialmente com Agostinho e desenvolvendo-se através do Escolasticismo, enfatizaram a *unidade* da substância divina de Deus, algumas vezes implicitamente reduzindo Deus a uma lista de atributos ou a um Movido não-mutável ou a um Ato Puro. Se Colin Gunton estiver certo, a noção ocidental de Deus – pertencente a esta ênfase na unidade da essência divina – torna-se crescentemente filosófica e remota, levando ao deísmo e, finalmente ao agnosticismo, no qual Deus torna-se completamente desconhecido.⁹

Por outro lado, os Patriarcas Capadócijs do século IV – Basílio de Cesaréia, Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa (os formuladores do trinitarianismo oriental) – viam Deus, não tanto como uma essência divina em três *subsistências*, mas sim como uma família divina, que poderia ser referida como Adão, Eva e Sete ou Pedro, Tiago e João. Considerando-se que, compreendia-se cada membro da Trindade como possuidor da mesma natureza, a igreja oriental enfatizou continuamente, a primazia dos relacionamentos entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.¹⁰ Acreditava-se que se Cristo e o Novo

⁹Colin Gunton, "Augustine, the Trinity and the Theological Crisis of the West", *Scottish Journal of Theology* 43:1 (1990) 33-58; *The Promise of Trinitarian Theology* 31-57; e *The One, the Three and the Many: God, Creation and the Culture of Modernity* (Cambridge: Univ. de Cambridge, 1993).

¹⁰Ver G. L. Prestige, *God in Patristic Thought* (2ª ed., Londres: SPCK, 1952) 219-301; T. R. Martland, "A Study of Cappadocian and Augustinian Trinitarian Methodology", *Anglican Theology Review* 47:3 (1965) 252-263; William G. Rusch, *The Trinitarian Controversy* (Filadélfia: Fortress, 1980) 149-179; e Basil Studer, *Trinity and Incarnation: The Faith of the Early Church*, trad. M. Westerhoff, ed. A. Louth (Edimburgo: T & T Clark, 1993) 139-153. A Ortodoxia Oriental defendia a natureza apofática de Deus, i.e., que a essência divina transcendia a compreensão humana e que só poderia ser descrita pelo que ela não era. Ver Vladimir Lossky, *In the Image and likeness of God*, Eds. J. N. Erickson e T. E. Bird Crestwood NY: St. Vladimir's Seminary, 1974) 13-29.

Testamento eram a revelação culminante de Deus, então nossa compreensão de Deus teria que centralizar-se na interrelação pessoal testemunhada muito claramente em textos como João 14-17.

Mas se dermos ênfase às três pessoas divinas, então como se definirá sua unidade? Para muitos da tradição ortodoxa oriental, assim como para um número crescente de estudiosos ocidentais, a unidade da Trindade encontra-se em *perichoresis*, habitação interna (ou co-inerência) de cada pessoa divina na outra.¹¹ Isto é, cada membro da Trindade, em algum sentido, habita no outro, sem diminuição da total pessoalidade de cada um. A unidade essencial da divindade, então, encontra-se tanto em sua igualdade intrínseca de características divinas, como também na unidade intensamente pessoal que procede da habitação mútua.

Enquanto a teologia ocidental tendeu a começar com a unidade e natureza de Deus e buscou explicar as três pessoas, a oriental começou com as três pessoas e então buscou resolver a natureza de sua unidade. Da perspectiva ortodoxa, portanto, é para fora da relação pessoal da divindade que tudo o mais flui, transborda: a criação dos anjos, o homem na *imago dei*, e o grande plano de redenção – tudo em ordem para que seres finitos pudessem entrar na comunhão jubilosa da Santíssima Trindade. Em outras palavras, a criação e a salvação começam e terminam com a autodoação de Deus, tanto internamente (cada um doando-se ao outro como Trindade) quanto externamente (Deus doando-se à toda a criação). E assim, no sentido mais profundo como Trindade – e finalmente apenas como Trindade – Deus é amor.

O DEUS QUE SE DÁ E O HOMEM NA *IMAGO DEI*

Se Deus existe como Trindade, quais são as implicações para o homem o ter sido criado à imagem divina? E o que isto pode significar para a natureza da vida cristã? Embora estudiosos tenham debatido sobre o significado da *imago dei* por séculos, certamente o fato de que, o Pai, o Filho e até Deus o Espírito Santo sejam revelados com inteligência infinita, livre arbítrio e profundas emoções é instrutivo.¹²

¹¹ Cf. Jo 17:21. O termo grego *perichoresis* é referido freqüentemente como *circumincession* (Latim). Ver Michael O'Carroll, "Circumincession", em *Trinitas: A Theological Encyclopedia of the Holy Trinity* (Wilmington: Michael Glazier, 1987) 68-69; e Brian Hebblethwaite, "Perichoresis – Reflections on the Doctrine of the Trinity", *Theology* 80:676 (1977) 255-261.

¹² Ver, Gordon D. Fee, *God's Empowering Presence: The Holy Spirit in the Letters of Paul* (Peabody MA: Hendrickson, 1994) 829-845.

Pessoalidade Densificada

Uma Palavra de Testemunho (ou Porque a Teologia É Significativa). Num momento de crise em minha vida, achei difícil encontrar qualquer base para minha própria pessoa. Não haviam âncoras (apoio) para meu ser como ser humano, ou o de qualquer outro. Foi-se o *porquê* da vida, da minha existência, até de ações pessoais simples como sorrir ou mesmo conversar. Quando olhava para dentro de mim a fim de “encontrar-me” – como é frequentemente sugerido por psicólogos – tanto mais caí num abismo sem fundo e sem coisa alguma para me segurar da queda. O abismo não deixou nada para chamar de *eu* e nada para chamar de *homem*.

Não é surpresa que a Bíblia não apresente uma psicologia única ou mesmo um conjunto de palavras bem definidas para o homem interior. Termos tais como *alma*, *coração*, *espírito* e *entranhas*, por exemplo, não carregam definições técnicas, nem são necessariamente usados com as mesmas definições pelos autores bíblicos.¹³ A implicação está em que, não é “encontrando-nos a nós mesmos” que descobrimos o que significa ser humano. As Escrituras apontam-nos repetidamente para o nosso Criador, o Deus vivo. Quando o enfocamos – olhando para cima e não para dentro – começamos então, a recuperar nossa humanidade. Como Barth explanou, a pessoa significa fundamentalmente o que significa quando em relação a Deus.¹⁴ Embora existam diferenças entre o infinito e o finito, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são a estrutura ontológica para nossa pessoalidade humana.¹⁵

Ontologia versus Homens sem Valor. O mundo tem um caricatura do cristão. Para muitos observadores seculares, o crente é um desastre humano. Tornar-se cristão é abnegar a vida. É uma vida sem riso, sem sexo, sem a alegria de um jogo de futebol no barzinho,

¹³ Walter F. Taylor, Jr., “Humanity, NT View of”, in *The Anchor Bible Dictionary*, ed. David Noel Freedman, 6 vols. (Nova Iorque: Doubleday, 1992) III:321: “não há reflexão independente sobre a antropologia no trato do NT com as qualidades, com as partes constituintes, ou com a natureza da humanidade, e portanto, pouca definição dos termos e padrões de seu uso. Mas ainda, o *anthropos* é sempre compreendido em termos do relacionamento com Deus” Cf. 321-325.

¹⁴ Barth, *Church Dogmatics* II/1, 272.

¹⁵ Ver Alistair I. McFadyen, *The Call to Personhood: A Christian Theology of the Individual in Social Relationships* (Cambridge: Univ. de Cambridge, 1990); John Zizioulas, *Being As Communion. Studies in Personhood and the Church* (Londres: Darton, Longman & Todd, 1985); David Brown, “Trinitarian Personhood and Individuality”, em Feenstra e Plantinga, eds., *Trinity, Incarnation and Atonement* 48-78.

tomando uma boa cerveja. O prazer se foi. O cristão convertido morreu. Em muitos casos, temos que admitir, essa caricatura é verdadeira. Muitos cristãos morreram, não apenas para o pecado – o que é correto – mas de algum modo, morreram também para sua própria humanidade, o que é errado. Alguns têm sido amarrados pela culpa e pelo legalismo, seguindo proibições religiosas de todo tipo. Como crenças podemos nos tornar forçados, defensivos, irados, amedrontados, isolados, sombrios, mecânicos ou espiritualmente artificiais.

Além do mais, se nosso Deus é verdadeiramente três pessoas em relacionamentos infinitamente significativos, então aqueles que estão redimidos e foram trazidos ao relacionamento com este Deus têm toda a razão para serem os indivíduos mais plenos e autênticos de toda a raça humana. Quando habitados pelo Espírito Santo, andando com o Filho, à medida que tomamos nosso lugar como filhos e filhas do Pai, nossa humanidade deve vir à tona da vida. Sem ser trivial, o cristão deve *brilhar* em sua humanidade. Nossa pessoalidade deveria irradiar porque estamos em relacionamento amoroso com a Fonte de toda a vida pessoal. Os cristãos deveriam ser os humanos mais poderosos, sensíveis, transparentes e verdadeiros de todos os seres sobre a Terra.

Alguém poderia questionar quem foi o homem mais extraordinário que já andou sobre a Terra? Até mesmo muitos ateus declararam que foi Jesus de Nazaré. A humanidade do Salvador não foi apagada ou diminuída pela sua submissão ao Pai. Pelo contrário, a humanidade do Senhor aparece densificada, mais profunda e real. Conforme Anselmo, Lutero ou Barth, a fé cristã afirma que Jesus Cristo não apenas revela o verdadeiro Deus ao homem, mas também o verdadeiro homem ao homem.¹⁶ Ele nos ensinou como tornar-nos seres humanos verdadeiros, realizados, em relacionamento com Deus.

Em contraste com todo ateísmo, onde a pessoalidade humana existe como um instante arbitrário sem sentido no tempo e espaço; em contraste com todo panteísmo onde todas as distinções humanas separam o homem daquele Todo-Inclusivo apessoal (e assim têm que ser extingüidas), o cristianismo afirma que a pessoalidade está diretamente baseada no Deus tri-pessoal. No próprio Deus está a base para a razão e linguagem humana, para nossa capacidade de escolha, para nossa profunda diversidade de emoções, para a apreciação da beleza, para nossa propensão à criatividade, para nosso senso de moralidade e eternidade, para nosso desejo natural de relacionamento social com outros – todos enigmas virtuais para o homem moderno que, experimenta estas realidades mas não tem explicação final adequada.

¹⁶ Cf. Karl Barth, *The Humanity of God*, trans. T. Wieser e J. N. Thomas (Richmond: John Knox, 1960).

Perichoresis e a Imago Dei. Quando reconciliados com Deus, o homem e a mulher são infundidos com sua presença pessoal. É possível que, em algum sentido, a capacidade que cada pessoa da Trindade tem de ser habitada pela outra enquanto permanece totalmente individual (*perichoresis*) esteja no homem por ter sido criado à imagem de Deus (cf. Jo 14:8-11, 20, 23; 15:4-7; 17:20-23,26). Semelhantemente, como o Pai habita no Filho e o Filho no Pai, e como o Espírito Santo é também o Espírito de Cristo e o Espírito do Pai, assim, Deus planejou a natureza humana de maneira que esta possa ser habitada por ele. Embora habitados por um Outro divino, os seres humanos são simultaneamente fortalecidos em sua individualidade. No lado negativo, o ser humano pode ser habitado por espíritos malignos; nestes casos, os espíritos escravizam e denigrem sua residência humana.¹⁷ Os pais da igreja falaram quase unanimemente sobre a habitação de Deus no homem em termos de *theosis*, que é, ser *divinizado* (Deus-infundido) em caráter e pessoa (cf. 2Pe 1:4). Diferente do panteísmo, espiritismo e Nova Era, não que o homem torne-se Deus, que é infinito e imutável em natureza, mas sim que seja marcado pelo caráter de Deus, cheio da presença divina e seja assim, como Deus.¹⁸ Assim sendo, o indivíduo torna-se vivo, aprofundado e completo, como um ser humano único, habitado pelo Deus da vida e em comunhão com ele.

C. S. Lewis capta esta última realidade em *O Grande Abismo*,¹⁹ sua parábola sobre a vida após a morte no paraíso e no hades (inferno). Lewis leva o leitor num ônibus fictício a visitar o obscuro e embolorado inferno onde as pessoas não estão sofrendo, mas apenas continuando suas vidas ocas e vaidosas. Também a aparência dos moradores do inferno, dependendo de quando chega-

¹⁷Um dos trabalhos recentes mais úteis é o de Sydney H. T. Page, *Powers of Evil: A Biblical Study of Satan and Demons* (Grand Rapids: Baker/Apollos, 1995).

¹⁸Ver Petro B. T. Bilaniuk, "The Mystery of *Theosis* or Divinization", em *The Heritage of the Early Church*, eds. David Neiman e Margaret Schatkin (Roma: Pontificus Institutum Studiorum Orientalium, 1973) 337-359; Vladimir Lossky, *The Mystical Theology of the Eastern Church*, trad. Fellowship of St. Alban and St. Sergius (Londres: James Clarke, 1957) 67-134; Lossky, *The Image and Likeness of God* 97-140; e Dumitri Staniloae, "Image, Likeness and Deification in the Human Person", *Communio* 13:1 (1986) 64-83. Nem todos os pais da igreja (nem todos os modernos) são claros sobre a distinção fundamental entre a natureza divina e a natureza do crente. Mas em tempo, a teologia oriental esclareceu que o crente partilha daquilo (2Pe 1:4) denominado de *energias divinas*, mas não da essência divina que, como notamos, era vista como única apenas para Deus.

¹⁹C. S. Lewis, *The Great Divorce* (Nova Iorque: Macmillan, 1946).

ram lá, é crescentemente translúcida e parecida com um fantasma. Preocupados com suas vidas egoístas, tornam-se terminantemente leves de substância e absolutamente cada vez menos pessoas. Em contraste, quando o ônibus viaja para cima, para as proximidades do paraíso, descobrimos o gramado, as flores e árvores de cores vivas, maiores e mais frondosas do que as existentes na Terra. Os habitantes do paraíso, chamados "Pessoas Sólidas," são maciços e esplêndidos. Em sua devoção e obediência ao Rei, eles são inocentes e livres para cuidar dos outros, e, por esta razão, livres para serem eles mesmos.

Exatamente o oposto da caricatura que o mundo faz dos cristãos é apenas em relação ao Deus da Bíblia que nos tornamos "pessoas sólidas" no sentido prazeroso para o qual fomos designados. Resumindo, se Deus é pessoal, então aqueles que se alegram, resguardando um relacionamento com ele, serão, ainda nesta vida, os seres humanos mais vivos, mais personalizados e mais resplendentes de todos.

A Natureza Autodoadora da Imago Dei

Se um relacionamento correto com Deus é o fundamento para a verdadeira pessoalidade, como a imagem divina é formada crescentemente na vida cristã? Qual a chave para se tornar humano como Jesus Cristo? Não somos três pessoas, mas uma. Não somos infinitos ou auto-suficientes, mas finitos e meras criaturas. Dado que fomos estruturados na *imago dei*, como o Senhor Deus torna sua imagem viva e perfeita em nós?

Egoísmo Cristão. Da perspectiva histórica e internacional, tem-se dito freqüentemente que o cristianismo ocidental vem cada vez mais, servindo-se a si mesmo. Oferecemos o cristianismo porque ele nos ajudará a deixar-nos livres dos problemas, nos fará sentir bem conosco mesmos, nos dará êxtase emocional, nutrirá casamentos melhores e famílias mais felizes, nos levará a adquirir físicos mais saudáveis, oferecerá bem-estar psicológico e até nos conduzirá ao sucesso nos negócios. Os princípios bíblicos realmente nos trazem "salvação" prática (embora parcial) na nossa vida diária. Mas com toda a ajuda disponível para melhorar a vida do crente, muitas vezes a qualidade de sua devoção cristã realmente se deteriora. Ele se torna menos interessado no Evangelho e interessado menos ainda em compartilhar Cristo com outros. Com freqüência, apresentamos inadvertidamente a fé cristã sem o seu centro.

Temas Básicos de Jesus. Dificilmente é preciso dizer que Jesus enfatizou repetidamente, de uma forma ou outra, os dois grandes mandamentos: amar o Senhor nosso Deus com todo nosso cora-

ção, nossa alma, mente e nossas forças e amar nosso próximo como a nós mesmos (Mc 12:29-33). O Salvador esclareceu posteriormente que, o que distinguiria o discípulo cristão e a comunidade de crentes verdadeiros seria o amor de uns para com os outros. A admoestação ou referência *amar um ao outro* aparece 17 vezes no Novo Testamento. Como Ricardo de São Vítor (d.1173) articulou em *De Trinitate*, o amor verdadeiro necessita de outro que o possa recebê-lo.²⁰ Embora possamos apreciar um bolo de chocolate ou valorizar o bichinho de estimação da família, na forma bíblica e mais elevada, o amor é dado de uma pessoa a outra. Seja o que for que seja dado para benefício próprio, é em última instância, pouco mais que egoísmo.

O segundo tema mais repetido por Jesus é que, "quem quiser salvar sua vida a perderá, mas que perder sua vida [alma] por mim a salvará." Esta afirmação encontra-se em cada evangelho (Mt 10:39; 16:25; Mc 8:35; Lc 9:24; 14:27; Jo 12:24-25). Nas palavras de Beasley-Murray, esta é a "lei do reino de Deus: a vida é dada por meio da morte,"²¹ exemplificada poderosamente pela oferta de Jesus dando sua própria vida pelos pecados do mundo. O Salvador enfatiza o princípio do sacrifício pessoal diário, em amor e obediência a Deus — o contínuo deixar-a-vida é que diariamente preenche o cristão com a vida de Deus. O evangelista cubano B. G. Lavastida colocou desta forma: "Existem três paradoxos na vida cristã: Você tem que *dar* para *receber*, tem que *perder* para *possuir*, e tem que *morrer* para *viver*." Junto com o mandamento de amar ao Senhor de todo coração, nossos irmãos em Cristo e nossos próximos, o mandamento de morrer para si mesmo é uma das admoestações mais repetidas do Salvador.

O Exemplo Divino. A natureza autodoadora de cada pessoa da Trindade sugere que os ensinamentos de Jesus sobre o amor e o auto-sacrifício relacionam-se com a natureza íntima da *imago dei* do homem. Não é apenas um extra ético para a especialização da piedade. Pode-se concluir que, parte da constituição humana nos diz que temos que nos dar primeiro a Deus e depois aos outros para estarmos plenos, do modo em que fomos criados. Como deidade, parece que os membros da Trindade dão-se livremente uns

²⁰J. Ribailier, *Richard de Saint-Victor, De Trinitate. Texte critique* (Paris, 1958) I.20.

²¹George R. Beasley-Murray, *John* (Waco TX: Word, 1987) 211, WBC; ele observa que "odiar [aborrecer] sua vida" no idioma hebraico, às vezes, traz o significado de "amar menos" (Gn 29:30-31; Mt 10:37; Lc 14:26). Parece que nosso Senhor, em vez de encorajar uma visão masoquista da vida — vida esta que é um dom de Deus — está insistindo em que nossa obediência tenha que ultrapassar de longe, qualquer pensamento de auto-preservação e bem-estar.

aos outros e não, devido a uma obrigação pré-estabelecida. Contudo, diferentemente, os seres humanos, pela ontologia, estão sob um tipo de "obrigação livre" para darem-se a si mesmos. O homem só pode entrar mais completamente na imagem divina, na plenitude da pessoalidade, deixando-se. Ao colocar outros em primeiro lugar – Deus e seus companheiros – ele se define e faz-se "como Cristo" e "como Deus" enquanto pessoa. Ao compreender o Deus Trino e Autodoador, descobrimos que o que Cristo nos pediu para fazer ao doar-nos é exatamente o que Deus exemplifica repetidamente em sua própria auto-revelação. Na verdade, num certo sentido, Jesus não nos pede nada que o Pai, o Filho e o Espírito Santo não tenham praticado milhões de milhões de vezes.

Assim, a chave para a ontologia humana é a *imago dei* dentro da estrutura trinitariana: (1) em natureza a imagem de Deus, que reflete as características das pessoas trinas; (2) em habitação divina, em paralelo à *perichoresis* divina; e (3) em autodoação pessoal, refletida nas relações eternas da divindade.

Se vestígios e potencialidades da imagem divina podem ser encontrados em cristãos individuais, então o que isto significa para a igreja local?

A IGREJA LOCAL DENTRO DA IMAGEM AUTODOADORA

Temos visto que (1) enquanto Trindade, o Deus Cristão é o Deus Autodoador eterno e que (2) Deus criou o homem à sua imagem autodoadora. Isto traz uma sugestão final: Deus não criou apenas o indivíduo, mas também a igreja local à imagem autodoadora trinitariana.²²

Uma Imagem Coletiva de Deus

Alguém poderia indagar, hoje, onde o mistério da Trindade deveria ser mais visível? Tertuliano expressou, "Onde o Pai, o Filho e o Espírito Santo estão, existe também a igreja que é o corpo dos Três."²³ Colocado de forma um pouco diferente, a imagem do

²²Implicações do Deus tri-pessoal para os relacionamentos conjugais e familiares são desenvolvidos por Margerie, *The Christian Trinity in History*; Cornelius Plantinga Jr., "The Perfect Family", *Christianity Today* (4 de março, 1988) 24-27; Larry R. Thornton, "A Biblical Approach to Establishing Marital Intimacy. Part 1: Intimacy and Trinity," *Calvary Baptist Theological Journal* 4:2 (1988) 43-72.

²³Tertuliano, *De Baptismo* VI, 1; ver Boff, *A Trindade, a Sociedade e a Libertação* 137 (Port. ed.) 137.

Deus Trino seria melhor refletida na igreja local, ou seja, na comunidade de crentes que buscam conscientemente viver na plenitude da oração de Jesus em João 17:20-23:

Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti... Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um como nós o somos; eu neles e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste, e os amaste como também amaste a mim.

A oração de Jesus é para que a unidade que ele experimenta com Deus Pai seja reproduzida na unidade de cristãos com ele e o Pai, e novamente um com o outro.

Mas qual a natureza desta unidade? De um lado, a unidade divina é melhor entendida não como a Teoria Social da Trindade com sua idéia de três deidades quase independentes. Mas, nas palavras de Colin Gunton:

O conceito central é o de seres compartilhados: as pessoas não entram simplesmente em relação umas com as outras, mas são constituídas umas pelas outras nas relações. Pai, Filho e Espírito Santo são eternamente o que são pela virtude do que são, de e para o outro. Ser e relação podem ser distinguidos em pensamento, mas de modo nenhum separados ontologicamente; eles são, antes, parte de uma dinâmica ontológica... não uma unidade vazia, mas um estado de ser em comunhão.²⁴

Gunton não está negando a essência divina, mas afirmando que Deus é melhor compreendido, não como substância abstrata, mas através das suas inter-relações pessoais eternas. No sentido mais básico, então, a unidade de Deus é única ao seu próprio ser. Ambos, a essência divina e o *perichoresis* divina, ultimamente existem numa realidade transcendente, que é revelada apenas em parte ao homem.

Por outro lado, assim como a divindade se revela como uma comunidade de três, então as pessoas que entram em comunhão com Deus (e são habitados por Deus) se tornam, de forma limitada, um retrato comunitário da Trindade. Ainda que a *perichoresis* divina vá muito além das categorias do estado do ser e dos pensamentos humanos, contudo a habitação de Deus no homem espelha uma realidade similar. Como o Espírito Santo habita na comunidade de crentes, ele os une ao Filho e ao Pai através da própria co-

²⁴Gunton, *The One, The Three and The Many* 214. Ver também Boff, *A Trindade, a sociedade e a libertação* 169-185.

inerência divina nele. Isto é, num sentido secundário, mas real, por meio da presença do Espírito, o Filho e o Pai também habitam no cristão e unem-se à igreja local. A presença unificadora de Deus junto ao amor que ele instila nos corações, apesar da diversidade dos membros do corpo local de Cristo ao menos em algum sentido, manifesta a imagem coletiva da Trindade. Pode ser sugerido que, assim como o homem e a mulher tornam-se uma carne no casamento, então os crentes que amam um ao outro, analogicamente refletem a presença do outro em seus próprios corações. Em qualquer caso, a unidade pessoal e a própria diversidade do Deus Trino está refletida na unidade e pluralidade da igreja local.

A Verdadeira Koinonia

Raramente, na história cristã, tem havido uma compreensão clara sobre a questão da igreja ter sido projetada para ser uma comunidade que reflita o relacionamento trinitariano. Ao invés disso, a eclesiologia tem imitado muito mais as práticas sócio-políticas das culturas nas quais ela está formada. James Houston comenta, "a tendência das estruturas eclesiásticas tem sido *jurídico* e essencialmente interpretadas como instituições políticas."²⁵ As formas de governo das igrejas têm sido tipicamente, pouco mais que variações dos sistemas monárquico (episcopal), federativo (representativo) e democrático (congregacional). É interessante notar que Jürgen Moltmann sugira o oposto; que os sistemas políticos ocidentais (e eclesiásticos), da ditadura ao socialismo, têm refletido uma teologia pobre – especificamente uma teologia trinitariana inadequada, assim como a perda da liberdade individual.²⁶

Tanto organizacional quanto funcionalmente, as igrejas têm refletido consideravelmente pouco a comunidade trinitária. Na América Latina, o evangelicalismo tem sido caracterizado pelo *coronelismo*, onde um único pastor domina a igreja com mão de ferro – continuação do espírito dos *conquistadores* e da herança religiosa papal. Igualmente nas igrejas da América do Norte, o

²⁵James Houston, "Community and the Nature of God" (Chapel lecture n.º. 2526, Regent College, Vancouver BC).

²⁶Moltmann, *The Trinity and the Kingdom* 191-222; ver também Charles Sherrard MacKenzie, *The Trinity and Culture* (Nova Iorque: P. Lang, 1987); Douglas M. Meeks, *God the Economist: The Doctrine of God and Political Economy* (Mineápolis: Fortress, 1989); e Daniel L. Migliore, "The Trinity and Human Liberty", *Theology Today* 36:4 (1980) 488-497. Por outro lado, dificilmente poderia ser argumentado que o trinitarianismo oriental tenha contribuído para o balanço eclesiástico e político na história oriental.

freqüente individualismo acirrado dos pioneiros e *cowboys* tem, às vezes, passado diretamente para o funcionamento da igreja local, onde pastores assumem autoridade descontrolada ou onde membros individuais não confiam em ninguém, a não ser em si mesmos. Ou ainda, cresce hoje o extremo oposto, espelhando caos do pós-modernismo, algumas super-igrejas toleram tantas pluralidades extremas que dificilmente existe um centro unificador.

Contudo, eu gostaria de sugerir que a igreja cristã deveria refletir a imagem da Santa Trindade de várias maneiras distintas:

(1) Uma vez que cada membro da divindade é igual e completamente Deus, então cada membro da igreja é igualmente um filho ou uma filha de Deus, co-herdeiro das promessas da cruz. Contra os programas de muitas igrejas centrados no pregador, as funções da igreja local – incluindo o “culto de adoração” – poderiam manifestar melhor a natureza trina de Deus ao incluir, tanto quanto possível, cada membro em participação ativa. Deveriam ser encorajados meios criativos para incluir os vários dons espirituais entre os membros, lembrando que cada crente é importante e necessário no Corpo de Cristo. Ao mesmo tempo todos os membros deveriam estar conscientes de suas responsabilidades de submissão recíproca e de doarem-se uns aos outros.

(2) Por outro lado, assim como há uma ordem funcional ou “econômica” (i.e., cada pessoa tendo papéis distintos) em tudo o que a Trindade faz, assim também, o Novo Testamento estabelece uma ordem necessária na igreja local com pastores, presbíteros, diáconos, etc. Quer na igreja, família ou sociedade, a submissão de uma pessoa a outra, não admite inferioridade mais do que o Filho, pela sua obediência, seja inferior ao Pai (cf. 1 Pe 2:13-3:7; 5:1-5). Visto que, o amor recíproco e a sensibilidade por parte do líder àqueles sob sua autoridade é importante, isto não o isenta de liderar, tomar decisões difíceis e disciplinar membros errantes. Seu amor por Deus deve pesar mais que seu amor por seus irmãos. Ainda, se o dom e a posição de liderança de alguém são dados por Deus, ele deveria refletir a natureza autodoadora de Deus, mesmo na difícil tarefa da disciplina.

(3) Se Deus existe como comunidade, então a comunidade verdadeira deve se refletir em toda a vida da igreja. Uma vez que, a Santíssima Trindade vive e funciona não na base de regras, regulamentos e dogmas, mas basicamente sobre o fundamento da interdependência amorosa, então a igreja, enquanto estabelecida por verdades bíblicas, existe para nutrir relações de cuidado entre seus membros. Não é de se surpreender que a maior porcentagem de imperativos no Novo Testamento é endereçada não ao relacionamento do crente diretamente com Deus, nem ao seu relacionamento com o mundo, mas ao seu relacionamento com os outros na igreja local. Para imitar Deus, a igreja local tem que cultivar ami-

zades profundas.²⁷ Apesar da doutrina ser importante, pois define a natureza e o desejo de Deus de que o adoremos, a vida cristã é essencialmente *relacional*. É aprender a amar e responder um ao outro, apesar de nossas maneiras limitadas, assim como fazem o Pai, o Filho e o Espírito Santo entre si. Grupos celulares, retiros e outras formas de comunhão contribuem para reunir em amor o povo de Deus. Dessa forma, a igreja local deveria por característica, exalar a alegria e o amor da Trindade, prefigurando a comunhão abençoada do paraíso.

(4) O mesmo cuidado mútuo não está limitado apenas aos crentes na igreja local, mas o senso de unidade e diversidade no Corpo de Cristo deveria estender-se também à outras igrejas cristãs – não vistas como competição religiosa ou como “irmandades errantes” – mas como congregações companheiras na Igreja universal do nosso Senhor. A natureza trina de Deus lembra ao indivíduo o valor da diversidade ética, cultural e tradicional manifestada algumas vezes, radicalmente, em diversos estilos de adoração e culto. Frequentemente, as igrejas e denominações locais têm falhado em apreciar o pluralismo do povo de Deus, um povo contudo, unido por “um Espírito... um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos” (Ef. 4:4-5).

Doando ao Mundo

A Questão da Criação. Retornando à uma perspectiva mais ampla, uma das maiores indagações é, Por que existe alguma coisa ao invés do nada? Ou por que afinal das contas, existe alguma coisa? Se Deus fosse egoísta, seria difícil entender porque ele criaria alguma coisa fora dele mesmo. Talvez um Deus que fosse apenas uma pessoa até criasse para satisfazer seu próprio desejo (ou necessidade) de glorificação, de relacionamento, ou ainda para poder exercer sua soberania. Mas numa Trindade, onde cada membro glorifica o outro, onde ainda existem relações interpessoais profundas – i.e., onde Deus é completa e pessoalmente autosuficiente – qual seria o motivo para a criação do universo e de seres pessoais finitos. Como aludido anteriormente, vários estudiosos concluíram que o Deus Trino criou o grande reino do céu, com sua diversidade de anjos, e, novamente, nosso imenso universo e a Terra, com sua vasta diversidade de plantas, animais e pessoas, como um transbordar da vida e amor criativos do Pai, Filho e Espírito Santo – *transbordar* não no sentido panteísta, determinista, mas como uma

²⁷Houston, “Community and the Nature of God”. Ver também John J. O'Donnell, “The Trinity as Divine Community”, *Gregorianum*, 69:1 (1988) 5-34; e Plantinga, “The Perfect Family” 24-27.

obra artística criativa que dá sentido ao outro enquanto preservam a liberdade e independência divinas. Se tal dedução for verdadeira, então toda a criação existe como resultado da autodoação própria de Deus através dos três membros da Trindade.

Se toda a existência finita é resultado da autodoação divina, então a igreja local criada à imagem da Trindade, pareceria chamada a doar-se também ao mundo. Os crentes são chamados a manifestar a presença salvadora do Senhor através de seus sacrifícios pessoais em meio a uma humanidade perdida e sem esperança.

Igrejas Egoístas. Assim como um cristão individual, focalizando-se sobre si mesmo, torna-se menos parecido com Cristo (e também menos humano), também parece que a igreja local, quando centraliza-se em seu próprio bem-estar, torna-se como uma casa vazia, diferente daquilo para o qual foi planejada para ser. Frequentemente, igrejas tanto tradicionais quanto as mais progressistas, têm se contentado em orientar quase todos seus esforços em prol de seus próprios membros: programas, finanças e até centralizar a oração, repetidamente, em si mesmos, visando suas próprias preferências, moldes e alvos. Não que os membros de uma igreja não devam nutrir e cuidar um do outro. Como vimos, o imperativo de amar um ao outro na igreja – assim como o Pai, o Filho e o Espírito Santo amam-se um ao outro – é muito importante. Contudo, a igreja local não pode permanecer absorvida nela mesma. Assim como as pessoas da Trindade não se *confinaram* apenas entre eles mesmos para amarem-se, mas criaram o mundo e entraram redentivamente em nossa existência, assim também, a igreja local é chamada a doar-se a um mundo alienado.

A Imagem Missionária. Num certo sentido, podemos pensar em Deus Pai como O Que Envia, e ambos, Deus Filho e Deus Espírito Santo como missionários divinos. Nos termos de Ireneu, ambos são as mãos ministradoras de Deus para trazer a humanidade à salvação e para dentro da família de Deus.²⁸ Neste sentido, então, a Santíssima Trindade é o arquétipo para a igreja local e missões. Assim, como Deus deu ao mundo perdido tanto seu Filho quanto seu Espírito, assim também tem estruturado o corpo de cristãos locais, de tal maneira que, para que haja plenitude, eles devem doar-se coletivamente.

Entre múltiplos exemplos de sacrifícios não-egoístas, a igreja Assembléia de Deus no Brasil tem crescido relativamente rápido em poucos anos, para mais de 12 milhões de membros. Uma das características do movimento é sua ênfase no pastor-leigo. Quase

²⁸Irineaus, *Adversus Haereses* 5.6.1.

qualquer mecânico, vendedor ou professor que sinta um chamado de Deus e prove sua fé na igreja local pode ser comissionado a começar uma nova congregação. Frequentemente, a custo pessoal considerável, o leigo começará a pregar e ensinar estudos bíblicos evangelísticos, enquanto também trabalha para sustentar sua família. Uma nova congregação é edificada ao redor dele, gradualmente cresce para sustentá-lo e, então, esforça-se para enviar para outro lugar seus próprios leigos, para que façam o mesmo novamente. Uma igreja mãe vibrante perderá muitos de seus membros mais fortes. À primeira vista, parece que a graça está se esfraguando e se destruindo. Contudo, é precisamente por "doar-se de si mesmo" que a Assembléia de Deus tem crescido em larga escala. Na verdade, para grande parte do Evangelicalismo da América Latina, uma igreja não é considerada uma "igreja" até que tenha feito nascer igrejas filhas. Embora pareça perder seus membros abençoados, a igreja local que imita a Santa Trindade em amor sacrificial é a que se multiplica.

Nas palavras de Alistair McGrath, "Evangelismo é algo intrínseco à identidade da igreja – não um extra opcional, mas algo que é parte e parcela de seu próprio ser."²⁹ Sabemos que é verdade por experiência, mas muitas vezes falhamos ao indagar: Por que é assim? É porque o indivíduo e a igreja local são criados à *imago dei*. Doar-se a um mundo perdido está intrínseco à sua própria imagem de Deus. Como Emil Brunner observou, "A igreja vive pelas missões como um fogo vive por queimar."³⁰ A ordem imperativa do Senhor é para, "Ir e fazer discípulos de todas as nações" (Mt 28.19). Devido ao nosso correto relacionamento com a Trindade, Paulo concluiu, "Nós somos, por esta razão, embaixadores" com a mensagem "Seja reconciliado com Deus" (2 Co 5.20). Para refletir verdadeiramente o caráter tri-pessoal de Deus, os membros da igreja local têm que tomar estes imperativos do Novo Testamento seriamente, doando-se não somente uns aos outros, mas a um mundo necessitado e, às vezes, hostil.

CONCLUSÃO

Vimos que, primeiro, o Deus tri-pessoal, longe de ser egoísta, revela a maior profundidade da autodoação. Cada membro da Trindade se dá livremente de si mesmo ao outro, regozijando-se na glória do outro, sem ferir sua ordem hierárquica. Deus é amor. Segundo, a chave para a ontologia humana é a *imago dei* dentro da estrutura trinitariana. A imagem divina é refletida não apenas

²⁹ Alistair McGrath, *Christianity Today* (19 de junho, 1995) 21.

³⁰ Emil Brunner, citado em *op. cit.*

na pessoalidade humana, mas é aperfeiçoada tanto pela da habitação divina (que forma um paralelo com a *perichoresis* quanto pela sua própria autodoação a Deus e aos outros. Terceiro, sugere-se que a igreja local também deveria refletir a imagem trinitariana, tanto em seus relacionamentos internos, uns com os outros, quanto externos, evangelizando e fazendo missões.

Quão desafortunado foi que a doutrina da Trindade tenha perdido sua centralidade em definir nossa cosmovisão com suas implicações para toda a vida. Frequentemente, não temos apenas entendido inadequadamente a doutrina do Deus da Bíblia, mas ainda, quando a compreendemos, nossa tendência é separar a teologia da prática. Temos feito pouco para, conscientemente, expressar a crença trinitariana em nossa vida diária e na comunidade da igreja.

Ainda, como James Houston disse, "O íntimo Ser de Deus é expressivo de nosso próprio ser."³¹ O Deus Trino está comprometido conosco por sua própria disposição de se dar. O cristão é criado e redimido para responder da mesma maneira, doando-se a Deus e aos seus companheiros. E assim também, a igreja local.

Finalmente, será a doutrina da Trindade é irrelevante, Immanuel Kant? Pelo contrário, a revelação de Deus como Pai, Filho e Espírito Santo é o centro e o absoluto para toda realidade humana.

³¹ Houston, "Community and the Nature of God".